

## da clareza impermanente à oferta de Cleiri

Cleiri Cardoso fabula a alquimia do tempo, gravando figurações em distintas matrizes – do metal à madeira, da areia ao papel carbono - e quando transportadas para películas vegetais quase impalpáveis e transparentes, as imagens impressas geram sobreposições e atravessamentos que nos conduzem, milimetricamente, para supostas memórias ambientadas no campo poético do livro.

O livro de artista é um espaço híbrido que suporta continuidades descontínuas, sequências narrativas em movimento. As páginas dos livros de Cleiri dobram e se desdobram tal como um rolo fílmico, ecoando a tutilidade de uma pele sensível para corpos incontornáveis. Cleiri pratica uma certa *imensidão íntima* à maneira de Gaston Bachelard em seu livro *A Poética do Espaço*. Sua fabulação temporal torna visível uma percepção das imanências fugazes, plena de delicadezas, dedicando a máxima atenção às mínimas e anônimas existências, dada as materialidades recorrentemente escolhidas – seja pela qualidade do papel fibroso, a sequência feita de dobras, seja pelas transparências e formatos. Matrizes cavoucadas pousam suas cópias nos livros –esses *objetos transcendentales / mas podemos amá-los do amor táctil*, versos encantantes de Caetano Veloso, celebrando esse objeto poético que erra de prateleira em prateleira.

E talvez seja essa a aderência – da gravura ao livro à sequência de imagens à narrativa sequencial espiralar à percepção temporal fílmica – que Cleiri vai construindo a espinha dorsal que sustenta seu vasto arco de percurso produtivo: a imagem em movimento. Tal intimidade com a passagem do tempo infinito é dada pela revelação da convivência entre as miudezas de cenas e objetos do cotidiano com a imensidão dos vazios plenos que habitam as superfícies das páginas.

Na lógica do pensamento da gravura que conecta a matriz à reprodução, o original à cópia (questões bem presentes em vários de seus objetos poéticos), cada impressão registra um instante do estado da matriz que consagra a imagem em formação que vai se revelando no tempo. Mesmo que em estado de desaparecimento como em seu livro *Permanência* de 2015, cuja palavra evapora a cada impressão. Ou em seu livro *Capanema* de 2014, onde imagens aparecem, desaparecem e reaparecem, pela insistência do gesto que copia a si mesmo numa transmissão mediada pelo papel carbono, em que informações vão se esvaindo ou ressurgindo ao longo das páginas moles. As intensidades flutuam no tempo. Já em seu livro *Confissões, Reflexões e Lamentos* de 2011, o procedimento foi corroer as matrizes pelas águas do mar e a resposta gravada vela a memória da areia – uma leitura que revela um palimpsesto quase ilegível, provocando uma certa densidade temporal.

E é no quase nada que tudo vem – *a grandeza progride no mundo à medida que*

*a intimidade se aprofunda* - sob o farol de Bachelard.

Cleiri persegue as técnicas de gravura, investiga as tradições cujo arco extenso de variedades permanecem de forma experimental e laboratorial, pousando na paragem cênica do livro. A geração de dramaturgias, extensivas e descontínuas, do tempo inacabado acontece no decorrer de cada livro, consagrando a aparição das imagens em estado de instantes presentes. Desde suas produções de 2005, realizadas em xilogravura destacando cenas mais urbanas, já figuram passantes anônimos que se deslocam no campo das páginas e são sempre as mesmas e outras figuras, que se repetem aqui e acolá – ali já está pressentido esse pendor para os vazios plenos e as transparências conectando camadas temporais.

Apesar do chamado filmico de seus livros, dado pelas páginas que se abrem, se desenrolam e se desdobram, colocando as imagens em movimento, paradoxalmente a desaceleração do tempo se impõe, povoado pela delicadeza das folhas que pausam a leitura, exigindo uma certa lentidão para folhear as matérias moles de seus objetos poéticos. As imagens nascentes se reportam ao próprio tempo de construção e resoluções de uma imagem gráfica.

Cleiri é uma pesquisadora das distintas técnicas e procedimentos da gravura em sentido ampliado, cujas imagens que denotam objetos, figuras, palavras, se tornam híbridas e contaminadas entre si, povoando suas materialidades de uma poética muito própria, aparentemente singela mas que parecem sempre em estado etéreo, brindando a aparição da desaparecimento: a força da intimidade das pequenas delicadezas e observações do cotidiano que transcendem sua condição.

Cleiri clama pela conquista de um ambiente aconchegante no espaço expositivo - meio casa, meio caverna -, instalando um dispositivo de leitura: uma poltrona e uma estante com livros para consulta localizadas ali, bem no canto da sala em corte diagonal. Você atravessará o espaço para habitar este lugar, mesmo que de forma breve e passageira. E obviamente as leituras dos livros postos serão realizadas apenas por uma pessoa de cada vez, enfatizando a natureza precisamente íntima do contato leitor que nasce pelas pontas dos dedos, diferentemente da leitura compartilhada que será igualmente oferecida pelos vídeos e pelos livros expostos nas prateleiras ao redor. Um ambiente estranhamente familiar, com a performatividade da leitura íntima exposta publicamente.

Na estante com livros, além de seus livros autorais, estarão presentes os livros coletivos que Cleiri atuou como organizadora ou participante, indiciando a presença do coletivo, tão próprio a esta natureza de publicações – gestando uma mini biblioteca de inventários de procedimentos e construção de um alfabeto de imagens.

Os livros, todos eles, ali irão se acomodar à espera, à espreita de que alguém possa inaugurar o tempo, de que alguém abra a obra, de que alguém se deleite com a caixa de surpresa que cada livro de artista potencializa, celebrando as oferendas de Cleiri.

E para ir finalizando uma borda para este breve texto, uma referência ao nome da mostra - 1/X -, cujo código abre um campo semântico a ser decifrado. 1/X se refere à noção de tiragem de *um n vezes*, a partir de uma matriz em relação – enfatizando o protocolo do original e suas infindas multiplicações tal como um livro de areia de Jorge Luis Borges *porque nem o livro e nem a areia tem princípio ou fim*.

Edith Derdyk

abril 2026